



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## OS BANDOS ESCOLÁSTICOS DA FESTA DE S. NICOLAU.

(sem indicação de autor)

Ano: 1906 | Número: 23

---

### Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Os Bandos escolásticos da festa de S. Nicolau. *Revista de Guimarães*, 23 (1) Jan.-Mar. 1906, p. 29-36.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# OS BANDOS ESCOLASTICOS

DA

## FESTA DE S. NICOLAU

(Continuado do volume xxii, pag. 177)

---

### Bando escolastico — 1844

MINERVA

Queridos filhos meus, que a dôce vida  
Gastaes em me adorar no templo honroso,  
Hoje ferias vos dou á dura lida,  
Para entregar-vos ao recreio, ao gôso.  
Mercurio em sons facundos annuncia  
O festejo, o prazer do excelso dia.

MERCURIO

Ó patria, ó Guimarães, ó flôr mimosa,  
Que toda te apavonas orgulhosa  
D'acalantar de Lysia o rei primeiro,  
Que os reis maravilhou do mundo inteiro.  
Viste o entrudo assomar todo casquilho,  
Levando tranças d'ouro, alvo polvilho,  
E branda seta em dôce devaneio,  
Na laranja embebendo o niveo seio,  
Tudo envolver em donairoza guerra,  
Que nos echos rebomba o valle e a serra.  
Viste do S. João a mão rugada  
Com harmonicas jácaras cantada,

Por entre a relva a seus adoradores  
 Brando rocío entornar, nectar d'amores,  
 E n'alcachofra em chammas crepitantes  
 Mostrar seu fado a fervidos amantes.  
 E nada em ti calou dôce alegria!  
 Almejar só de Nicolau o dia  
 Em que o estudante em mimo transcendendo  
 Tudo vae de prazer embebecendo !  
 Respira, que no espaço vem sorrindo,  
 Perlas vertendo, rosas esparzindo,  
 E por mais a funcção tornar preclara  
 Lá do Olympo baixou Minerva cara ;  
 Tudo pois n'este dia luminoso  
 Ha de em torrentes trasbordar de goso.  
 Ricos gibões trajando os estudantes,  
 Que o Grão-Mogol não traja tão brilhantes,  
 Mil dons, em cantos mil, com graça e arte,  
 Cuidosos, 'spalharão por toda a parte.  
 Aqui p'ra d'um fartar magras entranhas,  
 Quentinhas, a pelar, darão castanhas ;  
 Ah! a outros de prudente siso  
 Farão com farças 'scangalhar de riso ;  
 E dança militar, que amor desperta,  
 A todos deixará de boca aberta.  
 Mas vós, queridas, que o gemer do peito  
 C'um volver adoçoes do lindo aspeito,  
 Vós, n'este dia a que prestaes fulgores,  
 Distinguidas sereis com seus favores.  
 Maçãs, na côr rivaes de vosso rosto,  
 Bellas choreas d'apurado gosto,  
 Em requebros primando, em louçania,  
 Para vós as reservam á porfia.  
 Porém o galardão condigno seja  
 Da ternura que n'alma lhes flameja,  
 Do pômo ao receber, deixar de leve,  
 Dôce o labio tocar na mão de neve ;  
 D'airosas danças n'afanosa lida,  
 Terno suspiro lhes esmalte a vida.  
 Minerva, sim, a castidade ordena,  
 Mas d'amor puros gosos não condemna.  
 Que temeis pois ? o genitor rugoso,  
 Que severo vos mostra o gesto iroso ?  
 Porque o gelam talvez setenta invernos  
 Quer em vós abafar suspiros ternos ?  
 Deixae-o, que ao amor o dia é dado,  
 E se a mão vos puzer o ginja ousado,  
 A chorina senil irão tirar-lhe  
 E com ella depois na calva dar-lhe.  
 Temeis que do peralta o labio impuro  
 Toxico verta ao suspirar mais puro ;  
 Coitado, silvos são da inveja ardente,  
 Que d'elles vêr não pode a dita ingente,  
 Porque a melena a Nazereth pentêa,  
 Porque todo arrebiques se alardêa,

Anhelava tambem finezas caras  
 Sem votar dulas de Minerva as áras !  
 Casquilhos, um conselho : retiraes-vos,  
 E das selvas nos antros occultae-vos,  
 Que tanto vos não vale a inveja infecta  
 Que parte ouseis tomar na excelsa festa.  
 É d'estudante só condão augusto,  
 De mil lucubrações o premio justo ;  
 E mal dos vis que no bestunto a mente  
 Lhes der para infringir a lei potente ;  
 Ao Tural entre apupos arrastados,  
 Serão no largo tanque mergulhados ;  
 E se alçarem tambem ousados braços,  
 Logo feitos serão em mil pedaços.  
 Quer Minerva que em paz respire a terra,  
 Mas para a lei guardar ordena a guerra ;  
 E seus filhos por ella protegidos  
 Têm sido sempre de laureis cingidos.  
 Embora duros sabres empunhando,  
 D'hostes assome numeroso bando,  
 Aos alumnos de Pallas nada espanta ;  
 Quaes spartanos heroes, que a fama canta,  
 Quantos inimigos são saber não querem,  
 Mas só aonde estão para os baterem.  
 Tremel, tremel do impavido estudante,  
 Que ou á lança, ou ao murro, é sempre ovante.  
 Deusa, ó deusa immortal, que doua e forte,  
 Na sciencia és fanal, na pugna és morte,  
 C'o a egide ampara a cara juventude,  
 Inspira-lhe almo genio, alma virtude.  
 E vós, filhos da candida Minerva,  
 Que o gélido pavor jámais enerva,  
 Eia, sons do tambôr mandae aos ares,  
 Que atroem novos mundos, novos mares,  
 É o echo festival, que aos astros sobe,  
 Vá invejas causar n'Olimpo a Jove.

FIM

Auctor — Conego Antonio d'Oliveira Cardoso.

A figura de Minerva foi feita por Antonio Joaquim d'Almeida Gouvêa  
 e a de Mercurio por Ignacio Luiz Pereira do Lago.

### Bando escolastico — 1845

Guimarães, Guimarães, patria adorada,  
 Nos fatos d'Ulyssea decantada,  
 Que viste o grande Affonso em ti nascer,  
 Esse heroe, que depois se fez temer  
 Dos filhos do Alcorão, do Musulmano,  
 Fazendo o que não fez heroe humano ;

Exulta, ó Guimarães, raiou o dia  
 Em que és todo prazer, todo alegria,  
 Dia de Nicolau, que nos segura,  
 Que volveu para nós toda a ventura.  
 Tudo, tudo amanhã será festejo,  
 Qual ainda não viu o Douro, o Tejo,  
 Vereis jovens dançar dança á chineza  
 Com garbo, com aceio e gentileza :  
 Vereis uns cavalgar corceis formosos,  
 Fazer outros, com ditos mui chistosos,  
 Que o velho mais ginja e rahugento  
 Mostrará o maior contentamento ;  
 Finalmente vereis sabia Minerva  
 Nas festas tomar parte sem reserva.  
 E tu, ó preguiçoso, ó passeante,  
 Quererás hombrear com o estudante,  
 Sem as noites passar sobre um Virgilio,  
 Tito Livio, Horacio, ou Ovidio,  
 E sem esfolhear (dever mofino)  
 Volumosa Prosodia, ou Calepino ?  
 Julgarás ter direito ao folguêdo,  
 Que só de tarda lida é premio lêdo ?  
 Um conselho te dou : mette-te em casa,  
 E para tempo passar assa na brasa  
 Castanhas, que não é tão mau recreio,  
 Bebendo-lhe tambem a rêgo cheio ;  
 Quando não, entre apupos e alarido  
 No tanque do Toural vaes ser mettido.  
 E vós, ó bellas, que n'um só sorriso  
 As delicias mostraes do paraíso,  
 Vós, esmalte sem par da natureza,  
 Rivaes da mãe d'amor na gentileza,  
 Que dos olhos lançaes aureos farpões,  
 Que vem todos cravar nos corações,  
 Aparecei amanhã para que o estudante  
 Possa livre avistar a sua amante ;  
 Então linda maçã da côr da rosa  
 Elle te irá depôr na mão nevosa,  
 E se um riso voar aos labios vossos  
 Feliz tornareis os dias nossos.  
 Á creada de sala aperaltada,  
 Em segredo d'amor experimentada,  
 Só isto lhe dareis para que ella  
 Se possa debruçar n'uma janella.  
 Á besuntada e immunda cosinheira,  
 Deixae-a espreitar lá da trapeira,  
 Embora no avental esconda a mão,  
 Que para bem se lavar não ha sabão.  
 Todas ellas terão sua offerta  
 Conforme o sentimento, que desperta.  
 Castanhas se darão ás muito feias  
 E nozes ás que forem centopeias.  
 E vós, filhos de Minerva airosa,  
 Da patria a flôr esperançosa,

Rufae n'esse tambôr, toque o zabumba  
 Echo forte, que o monte, o valle retumba,  
 Que vá o som, levado por Eôlo,  
 A festa anunciar de pólo a pólo.

FIM

Auctor — João Machado Pindella.  
 Recitado por Iguacio Luiz Pereira do Lago.

### Bando escolastico — 1846

Álerta Guimarães, álerta, álerta !  
 Da tristeza, que te opprime hoje desperta ;  
 Guimarães, tu que aos reis deste o berço,  
 Patria aos heroes e leis ao universo,  
 Surge, surge, veste hoje as galas tuas,  
 De rosas e beminas junca as ruas,  
 Que para ti affaolveu a custo  
 O sexo de dezembro, o dia agosto,  
 Dia em que brilha a pompa, o fausto brilha,  
 E do estudante á voz tudo se humilha.  
 Exulta Guimarães, exulta, exulta,  
 Que a gloria para ti jámais se occulta.  
 É tu, ó crespê Appollo, ó numen louro,  
 Sobre a lactea corrente em nuvens d'ouro  
 Corre, vòa em volver-te apressurado,  
 Para que o grão dia, ha tanto suspirado,  
 A Guimarães volver, volver depressa.  
 Ninfas gentis que do Ave a margem espessa  
 Aos satyros fagindo povoaes,  
 Deixae seccas areias, que pisaes,  
 Vinde todas saltar, vinde á porfia,  
 Lindas canções ao despontar do dia,  
 E de capellas mil ornada a fronte,  
 Mil choreas formae no dia ingente.  
 Dia que outro não conta a sabia historia,  
 Dia pomposo d'eternal memoria,  
 Que do tempo o volver jámais enerva,  
 E vós, ó filhas d'inclita Minerva,  
 Impavidos heroes, que o mundo acclama,  
 Sustentae d'heroísmo a gloria, a fama,  
 E com a espada em punho, olá, fazei  
 Com valor rescatar a vossa lei,  
 Que em pedras regalias, alma e vida  
 Na arena a perder, tudo vos convida.  
 Fuge, fuge, ó corja proterva,  
 Não ouseis, não, aos filhos de Minerva,  
 De mil fadigas, de mil lucubrações,  
 Roubar os mais devidos galardões ;

Fuge infame, aliás do lódo immundo  
 Ao tanque baixarás já moribundo ;  
 E, se a vida Minerva carinhosa  
 N'esta te poupar crise perigosa,  
 Nem d'eterno baldão, d'opprobrio eterno,  
 C'ò ferrete marcar-te o tetro Averno.  
 Amanhã só pertence ao estudante  
 Das damas offertar á mais galante,  
 A essa a quem esmerou a natureza,  
 Loura castanha, a bella camoêza,  
 Toçar-lhe a mão nevada e á voz d'amor  
 D'alma e vida ficar-lhe devedor.  
 Oh! ventura sem par, que o mundo espanta!  
 Levanta, ó jovem, tua voz, levanta,  
 Que as ninfas bellas vem entre alegrias  
 De puros gosos matisar-te os dias!  
 E tereis vós acaso um coração,  
 Que insensível á voz da gratidão  
 Mil extremos olvide, e não attenda  
 Da cara juventude á pura offerenda?  
 Ah! vós que a propria Venus na brandura,  
 No amor venceis, venceis na formosura,  
 Sobre nós volvei olhar d'affeição;  
 Traidoras não sejaes, ingratas não.  
 Um suspiro, um abraço, quem tal pensa!  
 É d'uma maçã justa recompensa.  
 Eia avante, ó heroes, olá, marchemos,  
 A festa nossa, á fama annunciemos.  
 Eia avante! E ao clangor da tuba ingente  
 Retumbem cá no mundo eternamente  
 De Nicolau os immortaes louvores.  
 Rufae, jovens, rufae n'esses tambores,  
 E ao som d'accordes hymnos triumphaes  
 Subam ao ceu mil vivas festivaes,  
 Seja d'elles Eólo pregoeiro,  
 Ouça-os a terra, o mar, o mundo inteiro.

FIM

Auctor — José Nepomuceno da Silva Ribeiro.  
 Recitado por Joaquim Fernandes da Silva Ribeiro.

### Bando escolastico — 1870

De estranho modo o coração palpita  
 Se o odio entre irmãos cruel se ateia;  
 E se alguém o quer soprar a dôr irrita  
 O seio maternal de magoa e leia.  
 Da cadeira sideral baixa afflicta  
 A Mãe de todos nós que nos pranteia...  
 Quem o póde duvidar? olhai p'ra ella,  
 Ó Virgem coronal, ó virgem bella

Mensageiro da paz, eis-nos na terra  
 As palmas da concordia outorgando  
 Mas se alguma vil paixão o peito encerra  
 Dos que o fóro escolhar vão conspurcando,  
 A Deusa quer de tudo tomar conta,  
 Sem mesmo dar affronta por affronta!  
 Por entre o sol da graça, que namora  
 O riso popular em tom festivo  
 N'uma falsa Minerva se afervora  
 O seio a mostrar feroz, esquivo;  
 E lembrando passagem que lá vão  
 Dispara o nome vil de vil tração!  
 «Traidores nunca foram (diz Minerva)  
 «Os filhos que uma affronta me lavaram  
 «Contra os que, e como cousa de conserva  
 «No lixo do Parnaso me sujaram!!  
 «Traidores!... isto ou é calor no sizo!!  
 «Ou traça pr'a fazer cahir com riso!!  
 Vêde como ella vem toda caricias  
 De mais que o sabe ser, que sabe amar  
 Não tem como se dos brutaes sevicias  
 Nem quer os filhos seus vêr a luctar,  
 Nem vem d'elles soffrer ardis, enganos,  
 Estando como está entre os veteranos:  
 E se alguém a pintou mal, é tudo pêta  
 Como o são os caretas sem careta  
 Dizer que lá em cima se merenda  
 Espinhas e mais coisas do fumeiro,  
 Foi para gracejar, e não se entenda  
 Que a casa de Minerva é no roupeiro.  
 Ou que a Deusa talvez de enfastiada  
 Devora misturados em *sallada*,  
 Lustrosos e verdiaes agros pepinos...  
 O que por lá se come é só meninos,  
 Como fizera Saturno, o mal fadado...  
 Que comeu, oh! furor! o seu morgado!  
 É então que a Deusa leva a mal  
 N'uma lucta em seu dia festival,  
 Se os que vem á discordia armar os laços  
 São hoje Phariseus, foram madraços,  
 Minerva tambem sabe e bem se vê  
 Que entre os filhos seus que *choram* cá  
 Ha velhos que não sabem o a, be, ce,  
 E gaguejam a custo o b... a... ha!  
 Para estes entre nós não ha logar  
 Nem se podem cá na terra transformar.  
 E é simples a razão não tem mistura  
 (Minerva eu vou dizel-o em prosa chã)  
 É porque burro velho não toma andadura;  
 Nem nunca de ruim moiro bom christão...  
 E vós nimphas gentis, que a belleza,  
 Podeis entre uns e outros collocar,  
 Para que, com magnetica presteza



Se possam uns e outros abraçar,  
Dizei não é um acto de nobreza,  
Pela honra d'uma dama pelejar,  
E a um aceno seu, obedecer... e  
Batalhar, batalhar até morrer?...  
É a lei que vai cumprir o estudante  
Levando a casta Deusa triumphante!  
E tu velha, voraz e cubiçosa,  
Dirás quaes são os filhos verdadeiros  
Quaes querem a função mais magestosa  
Dos tempos que lá vão, leaes herdeiros?  
Ah! se no intimo d'alma tu o levas  
Não ha que duvidar, ou fol ou peras!  
Então...? ficamos a voiar na pasmaceira  
Não ha quem se abalance a uma asneira?...  
Não soffre muito a gente generosa...  
Andar-lhe os cães os dentes amostrando...  
É por isso que a festa vae pomposa  
À cidade e ao mundo apregoando;  
Que a quem este aranzel crear fastio  
Póde-se ir aquecer, fuja do frio,  
Qu e a Virgem coronal, a Virgem bella,  
Ha de sempre viver, morrer donzella.

FIM

Recitado por Joaquim Ignacio d'Abreu Vieira.